

O TEMPO É CHEGADO: UMA TRADUÇÃO COMENTADA

Luana Castelo Branco Alves^{*}
Zelina Beato^{**}

Resumo: o presente artigo tem como objetivo comentar o processo tradutório do livro de contos e crônicas *O Tempo é Chegado*, do autor sul baiano Euclides Neto. Não é intenção deste artigo apresentar a tradução em sua totalidade, uma vez que o objetivo do trabalho foi refletir sobre o processo e não sobre o produto como um todo. Trazemos, contudo, partes da tradução, visando a justificar as escolhas tradutórias feitas ao longo do trabalho. Baseamos nossas análises nos pressupostos da desconstrução exarados por Jacques Derrida, segundo os quais a tradução é um processo de transformação. Acreditamos que esta transformação fez-se perceber durante a tradução dos contos e crônicas citados, ratificando o posicionamento teórico que assumimos. O trabalho começa com uma breve apresentação do autor no primeiro momento; comentamos os pressupostos teóricos que embasam nossas conclusões a partir do conceito saussuriano de signo e suas implicações para a tradução, para chegarmos à noção derridiana de transformação. A escolha da obra se deu por questões pessoais: veio do profundo interesse em conhecer a obra de um autor não famoso da literatura sulbaiana, que, por uma graça do destino, veio a ter conosco ligações familiares. Como a tradução é nossa área de especial dedicação, nada mais justo que esmiuçarmos, como bem poderia dizer Euclides Neto, as entranhas de uma obra sua traduzindo-a. Este artigo é fruto dos nossos estudos e trabalho de tradução de *O Tempo é Chegado* para a língua inglesa.

Palavras chave: tradução; desconstrução; Euclides Neto; Jacques Derrida; transformação.

THE TIME HAS ARRIVED: A COMMENTED TRANSLATION

Abstract: this article aims to present comments about the translation process of the book of short stories and chronicles *O Tempo é Chegado – The Time has Arrived –*, by the author from the south Bahia-Brazil, Euclides Neto. It is not the objective to present the translation itself but solely the reflection in the translation process. We will bring, however, parts of the translation, aiming to justify the translational choices made along the way. We will base our analysis on the assumptions of deconstruction formally drawn up by Jacques Derrida, and according to which every translation is a process of transformation. We will make a brief presentation of the author at first; comment the theoretical assumptions that underlie our conclusions, debate the Saussurian concept of sign and its implications for translation, to finally argue in favor of translation as transformation as advocated by Derrida. The choice of the work was due to personal reasons: it came from the deep interest in knowing the work of a non-famous author of the literature produced in the south of Bahia, which, for a target of grace, happened to have family connections with us. As the translation is our area of special

^{*} Graduanda do curso de Letras da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Bolsista de iniciação científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia - FAPESB.

^{**} Professora Titular da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Coordenadora do PPGL Linguagens e Representações. Doutora em Linguística Aplicada: Tradução pela UNICAMP.

dedication, it is only fair that we scrutinize, as could tell Euclides Neto, the entrails of his work by translating it. This article is the result of our studies and of *O Tempo é Chegado*' translation work into English.

Keywords: translation; deconstruction; Euclides Neto; Jacques Derrida; transformation.

Apresentando Euclides Neto

Euclides Neto nasceu no ano de 1925, no distrito de Genipapo, no vale do Jiquiriçá. Viveu em Ipiaú, onde foi prefeito de 1963 a 1967. Era advogado, tendo atuado por quarenta anos. Foi também secretário da Reforma Agrária do Estado da Bahia de 1987 a 1989. Iniciou sua carreira literária em 1946, com a obra *Birimbau*. Suas ideias marxistas e socialistas o levaram a ter especial apreço pelos tipos locais, trabalhadores das roças de cacau, como podemos ler na seguinte crítica à sua obra:

As convicções marxistas e socialistas do escritor marcaram sua vida política e literária, razão pela qual sua literatura valoriza tipos humanos populares, representantes das minorias. Assim, a luta de classes é o seu tema principal, ficando manifesta em toda sua obra uma clara simpatia pelo trabalhador rural, tão explorado na lavoura cacauzeira, o que explica sua obstinação engajada em denunciar as mazelas sociais e econômicas da Região sul baiana. (OLIVEIRA, 2013, p. 33)

As escolhas lexicais de formas arcaicas latinas feitas pelo autor ao longo de toda a sua obra denotam essa ligação com os menos abastados, que ajudaram a forjar a construção identitária da região. Em estilo despretensioso, Euclides Neto traça um panorama da vida dos trabalhadores rurais da região, delineando tipos que ficam gravados no imaginário local e reverberam até os dias atuais. Sua literatura resgata a hibridação cultural que se deu na região, reciclando a influência portuguesa, dando a ela ares de Brasil, de Bahia, de sul da Bahia:

Quanto a mim, que sou mais 'regionalista' que os outros porque me considero criador de cobras, moro e sou do interior e do interior não saio, eu quis fazer um obra e até pensei em erudição, reparem meu pecado! Quando eu escrevi o dicionário de expressões típicas da região do cacau, que ofereci aos trabalhadores da roça e à Universidade, a preocupação foi de resgatar a linguagem dessa gente.

Porque é curioso: o trabalhador ainda usa expressões que foram geradas no século XIII ou no século XIV. Puras, continuam cristalinas – e chamo inclusive a atenção dos gramáticos, dos filólogos, para que não se riam quando ouvirem um nome que um homem de pés descalços da feira profere, pensando que está errado. O homem da roça preserva a pureza do nosso português, criado por Camões, embelezado por Eça de Queiroz, e que

recebeu sangue, alma e nervos com José Saramago. Então esse português continua sendo trabalhado no Brasil através dos tempos e continuará. (NETO, 1998, p. 21, grifo do autor apud OLIVEIRA, 2013, p. 56)

Na obra traduzida, *O Tempo é Chegado* (2001), temos uma seleção póstuma de contos e crônicas, os quais trazem uma variada gama de situações e através das quais se mostram as suas ideologias, tornando-se fácil perceber de quem e para quem falou o autor. Euclides Neto faleceu de câncer, no ano 2000.

Algumas ideias sobre tradução

A despeito de todo e qualquer embate teórico que se tenha dado ao longo dos anos, os quais repetidamente questionam a possibilidade da tradução, o fato contundente é, justamente, que ela existe. No dizer de Georges Mounin:

A atividade de tradução suscita um problema teórico para a linguística contemporânea: se aceitarmos as teses recorrentes a respeito das estruturas dos léxicos, das morfologias e das sintaxes, seremos levados a afirmar que a tradução deveria ser impossível. Entretanto, os tradutores existem, eles produzem, recorreremos com proveito às suas produções. Seria quase possível dizer que a existência da tradução constitui o escândalo da linguística contemporânea. (apud Arrojo, 1992, p. 109)

A hipótese da impossibilidade também encontra fundamentos no postulado estruturalista segundo o qual se afirma que os sistemas gramaticais são impenetráveis entre si; isso significaria dizer, em outras palavras, que o que é escrito em determinada língua só seria perfeitamente acessível e compreensível dentro desta mesma língua, o que não é uma verdade absoluta. Teorias de base logocêntrica insistem em partir das mesmas ineficazes bases para tentar domar um tema que, para os parâmetros de análise propostos, se mostra um tanto rebelde e incoercível. Tentar encaixar a tradução dentro de teorias de matriz logocêntrica equivale a buscar, em vão, encaixar uma peça oval em um espaço redondo. A suposta possibilidade de separação entre teoria e prática, e o rebaixamento desta última em relação àquela, advém da crença de uma distinção absoluta entre sujeito e objeto, como se fosse possível ao sujeito despir-se de todo traço de subjetividade ao se aproximar de determinado objeto, seja como leitor, tradutor ou teórico. A esse respeito, Rosemary Arrojo (1992, p. 108) diz que:

a possibilidade de uma oposição clara e objetiva entre teoria e prática emerge da crença na possibilidade da oposição entre sujeito e objeto, em que o primeiro pretende não apenas descrever e controlar o segundo, mas também não misturar-se com ele. A possibilidade dessa oposição necessariamente anula a subjetividade do sujeito em relação ao objeto.

A partir dessa aporia, várias outras se apresentam, sendo uma delas especialmente problemática e que tem fustigado tanto teóricos como tradutores desde que a tradução se tornou uma prática corrente: a fidelidade ao original. Primeiramente, tal premissa pressupõe que no texto haja uma única e incontestável verdade, um significado primordial produzido pelo autor acessível ao leitor em sua totalidade. Essa análise reducionista deixa de lado a subjetividade tanto do autor como do receptor, as diferenças entre condição de produção e de recepção, o momento sócio-histórico em que se encontram os atores, as dessemelhanças culturais e geográficas; enfim, uma série de fatores, além da língua em si, que tem influência primordial dentro do tripé autor, obra, leitor. Aquele que escreve é atravessado por ideologias, é tributário de um imaginário social que se esgueira por entre suas concepções de mundo, pontos de vista, modos de agir, é filho de uma época, e sofre influência do próprio inconsciente.

Como, então, falar em “original”, se a própria produção primordial do texto é eivada, por assim dizer, de apropriações, tanto conscientes como inconscientes de todos os matizes de subjetividade apontados acima? Nesta mesma linha, como se pode esperar que o leitor seja capaz de apreender exatamente o que o autor “quis dizer”, quando os traços subjetivos que o compõem diferem daqueles do autor? A suposta verdade do original é, portanto, inalcançável para o leitor, e, levando-se esta observação às últimas consequências, pode-se dizer que ela o é até mesmo para o autor. Assim sendo, o debate teórico, no que diz respeito à tradução sobre a fidelidade ao original, se mostra vão, uma vez que a subjetividade dos sujeitos é inescapável.

Ferdinand de Saussure (2012) afirma, quando postula sobre a arbitrariedade do signo, que a ligação existente entre significante e significado é imotivada, não havendo nenhuma razão pré-linguística que justifique a ligação de um determinado conceito a um determinado significante, como é o caso da palavra *boeuf*, que em alemão recebe o significante *ochs*, em português, boi. É precisamente o caráter arbitrário do signo linguístico que permite que esse mesmo conceito receba nomes tão diferentes quanto línguas existentes e abre, em Saussure, a

possibilidade da tradução, uma vez que a própria existência das línguas argumenta a diferença entre significante e significado.

Decorre daí que, seguindo o pensamento saussuriano, há um significado primordial ao qual está vinculado um significante, o que leva à visão da tradução como aporte de significados de uma língua para outra através da substituição de palavras. O linguista genebrino, entretanto, afirma posteriormente que a relação entre significante e significado poderia, sob a influência de fatores diversos, ser afrouxada, como fica claro no trecho a seguir:

Sejam quais forem os fatores de alteração, quer funcionem isoladamente ou combinados, levam sempre a um deslocamento da relação entre o significado e o significante.

Eis alguns exemplos: o latim *necare*, “matar”, deu em francês *noyer*, “afogar”. **Tanto a imagem acústica como o conceito mudaram**; é inútil, porém, distinguir as duas partes do fenômeno; basta verificar, in globo, que o vínculo entre ideia e signo se afrouxou e que houve um deslocamento em sua relação. (SAUSSURE, 2012, p.115, grifos nossos)

Ainda que o comentário acima se refira a um caso de derivação linguística do latim para o francês, podemos estender essa reflexão para o caso da tradução, pois seria explicação plausível para que a tradução não seja apenas uma questão de substituição de significantes, mas, de fato – e muito frequentemente, por sinal –, uma transformação, não apenas no âmbito do significante, mas também do significado. Se tal processo ocorre dentro da formação de uma mesma língua, não é nada espantoso que se torne evidente no momento da tradução de C material textual de um idioma para outro, e isso nos leva de volta à subjetividade do sujeito: o tradutor, no momento de sua prática, é também perpassado pelos traços de subjetividade vigentes no tempo e no espaço em que se encontra, sendo o produto de seu trabalho algo, em partes, criação sua. O caráter representativo da tradução – ou seja, algo que não é o texto original, não foi escrito pelo autor e está, de certa forma, contaminado pelo tradutor – seria, para muitos, suficiente para fazer da tradução algo menor cuja validade é, por isso mesmo, questionável.

O tradutor assume, pois, o papel de cocriador da obra que traduz, e isso não precisa necessariamente invalidar a tradução, pois mesmo sem poder livrar-se de si, o tradutor, inserido na tradição logocêntrica, busca, mesmo sabendo da impossibilidade de seu intento, a fidelidade ao texto original. Ainda que a sua atividade prática seja a mais plena demonstração de que a

tradução não é mera troca de significantes de uma língua pelos de outra, mas sim um processo de transformação, e que não há como perseguir um significado perfeito e transcendental que seria plenamente transportado de um idioma para outro, a fidelidade ao original é, e sempre será, o seu direcionamento.

Diante de tais impasses, não seria errado concluir que as respostas para todos os questionamentos que pululam nas intermináveis discussões acerca da tradução, caso existam, não se encontram dentro das paredes do estruturalismo. Como afirma Arrojo (1992, p. 77):

A questão do significado, como as questões teóricas da tradução e como a questão mais abrangente de todo intercâmbio linguístico somente poderia ser resolvida em moldes logocêntricos se o sujeito e sua realidade fossem, também, centrados num racionalismo e numa lógica supra humanos e imutáveis.

Conclui-se, portanto, que mais válido que buscar respostas aos questionamentos propostos seria mudar as bases sobre quais se apoiam esses questionamentos, uma vez que eles têm, por séculos a fio, levado aqueles que teorizam sobre tradução de uma aporia a outra. Enquanto isso, e à revelia disso, a tradução, flagrantemente, acontece.

Nos caminhos da tradução de *O Tempo é Chegado*

O presente trabalho de tradução foi parte do projeto de iniciação científica intitulado *A tradução e o signo Saussuriano: uma relação de transformação*, desenvolvido na Universidade Estadual de Santa Cruz, com financiamento da FAPESB. Partimos da análise do conceito saussuriano de signo e suas implicações para a tradução para daí passarmos ao estudo da noção derridiana de tradução como transformação (DERRIDA, 2013). O intuito, ao traduzir a obra, foi perceber os processos de transformação que ocorrem no processo tradutório.

Há que se considerar, quando se decide traduzir uma obra como aquela com a qual trabalhamos neste artigo, uma gama de fatores que ora se colocam entre o texto e o leitor, ora fazem as vezes de convite a um passeio pelos seus rincões. Um deles, o vocabulário adotado pelo autor, é contundente exemplo.

A primeira edição de *O Tempo é Chegado* data do ano de 2001, porém seu conteúdo abre portas a um olhar para o passado, uma vez que as situações que apresenta, em sua grande

maioria, passaram-se nos idos da primeira metade do século XX, e ainda que não nos pareça um lapso temporal suficientemente grande para haver diferenças tão profundas em termos de vocabulário, percebemos, na leitura dos textos, que estes não muitos decênios, somados ao fator geográfico que circunscreve a obra, determinam sim modificações profundas no modo de falar, de agir, e até mesmo na maneira como se valoram fatos narrados na obra. Não seria de espantar, portanto, que para o leitor, sobretudo quando este é o tradutor, por vezes seja preciso realizar uma tradução preliminar: a do português utilizado pelo autor para o português contemporâneo. Resolvemos, então, selecionar algumas expressões e termos os quais se apresentaram desafiadores no momento da tradução. Ao longo do trabalho, selecionamos e agrupamos expressões, algumas das quais serão apresentadas nesta discussão, para que o leitor possa perceber como foi conduzido este estudo.

Para a compreensão de qualquer obra, de qualquer autor, é preciso situar um e outro no tempo e no espaço, para que se possam conhecer as condições de produção em que trabalhava e então tentar perseguir as pistas deixadas pelos conteúdos de que tratam autor e obra. No caso de Euclides Neto e seu *O Tempo é Chegado*, o plano de fundo dos acontecimentos narrados, alguns deles baseados em fatos e personagens reais, é a cidade de Ipiaú, no sul da Bahia, região cacaueteira, na primeira metade do século XX, majoritariamente. Beira Rio é o nome que o autor escolhe para referir-se à cidade, e vez por outra lança mão de heterônimos para personagens a respeito dos quais a prudência avisa que se tenha cuidado. Há, portanto, o contexto de uma cidade pequena, cerca de 50 mil habitantes nos dias atuais, na qual se fazia sentir o peso do braço forte dos coronéis do cacau. Por inclinação pessoal, o autor tende a falar das coisas com o olhar do homem da roça, aqueles sobre os quais pesavam os braços dos coronéis, e o falar dessa gente simples permeia todo o livro.

Ao início do processo de tradução, era nosso intuito tentar conservar o ar brejeiro – assim nos pareceu enquanto leitores – que as palavras tão cuidadosamente escolhidas pelo autor davam ao texto. Foi surpreendente, ao lermos as traduções, notar que as palavras arcaicas da zona rural adquiriam ares de requinte, às vezes não tão arcaicas como no texto original, com comportamento diverso daquele que pretendíamos dar a elas, o que esperávamos que assumissem. Por vezes, necessitamos traduzir para um português mais atual aquilo que estava posto no livro, de forma que alguns detalhes se perderam ou se modificaram. Preferimos dizer que se transformaram e adquiriram novos tons que não se distanciam sobremaneira do tom original, mas certamente não o reproduzem com exatidão.

Para ilustrar isto de que tratamos, trazemos este exemplo: durante a tradução do conto “O menino e o cavalo que foi para o céu”, deparamo-nos com o termo *enganja*, no excerto que se segue: “Cobra morde sempre o animal de mais *enganja*, sabia?” (NETO, 2013a, p. 15). Vale a pena aduzir que o conto trata de um garoto que nutria profundo amor por seu cavalo, o qual vem a morrer vítima da picada de uma cascavel. *Enganja* significa algo como ciúmes, um quê de avareza, porém não necessariamente com uma conotação ruim. No caso em questão, *enganja* fala do apego amoroso do menino pelo animal. No momento da tradução, nos vimos às voltas com os termos *avarice*, que significa avareza, e *jealousy*, que significa ciúme. Ambas as palavras trazem o sentido do apego que o termo *enganja* carrega, porém não conseguem expressar muito claramente o amor. Acabamos por escolher, então, a palavra *beloved*, amado, em português, e cremos que a palavra consegue expressar melhor o sentido do apego amoroso que o garoto tinha pelo cavalo, porém se fala muito bem do amor, não mostra a totalidade do apego, já que aquele que ama não necessariamente nutre apego. Vê-se o resultado no quadro abaixo:

Cobra morde sempre o animal de mais <i>enganja</i> , sabia?	<i>A snake always bites a most beloved animal, you know?</i>
---	--

No caso citado acima, bem como em diversos outros momentos, vimos o texto transformar-se, e é patente a noção de que é impossível afastar da tradução a personalidade do tradutor, uma vez que a discricionariedade deste quanto às escolhas lexicais ditarão a face que terá o texto na língua alvo, e aí estará ele figurando como coautor da obra, uma vez que é pelos olhos deste que ela se transforma. Todos os argumentos que apresentamos para justificar essa ou aquela escolha dão provas não de um suposto significado encapsulado no significante, mas, de fato, do sentido que nossa leitura negociada permitiu atribuir. Na mínima vaga existente entre significante e significado, insere-se o tradutor, caçando na língua alvo possíveis significantes para um suposto significado, mas aí dá-se conta de que, na língua alvo, aquele significante não está ligado a um significado exatamente idêntico àquele ao qual se segurara o autor no princípio. Passemos à análise dos casos a que nos referimos, os quais estão subdivididos em grupos, sendo eles: palavras ou expressões mantidas em português, expressões parafraseadas e expressões traduzidas literalmente.

Preferimos manter em língua portuguesa algumas expressões que não possuem um correspondente na língua inglesa, ou cuja tradução se faz desnecessária, visto que, segundo a nossa perspectiva, uma tradução aproximada surtiria menos efeito que uma nota de rodapé explicando de que se trata o termo. Assim procedemos com termos como rapadura, caatinga, Canudos, Conselheiro, e com nomes de animais os quais aludiam a características que os distinguem, como o caso do cavalo Vai-pra-longe, do conto “A rica fazendeira de cacau”; do cavalo Formoso, do conto “O menino e o cavalo que foi para o céu”; e dos galos Arranca-olho e Lampião, do conto “Briga de galo”. A princípio, traduzimos o nome do cavalo Vai-pra-longe como *Go far*, porém o verbo “go” poderia ser interpretado tanto afirmativa como imperativamente, o que nos fez retroceder; semelhante questão ocorreu quando traduzimos o nome do galo Arranca-olho para *Eye-puller*, porém não traduzimos o nome do galo Lampião. Pessoas nascidas no Brasil, ou que tenham conhecimento acerca de quem foi Lampião, serão capazes de compreender que conotações o nome carrega. O mesmo não acontece com as demais pessoas, o que nos fez sentir a necessidade de deixar o nome do segundo animal em português e acrescentar uma nota de rodapé que explicasse quem foi o personagem histórico e tudo o que o nome significa, aludindo à valentia do galo. O nome *Eye-puller* abarca em si toda a ferocidade e destemor do galo em questão, porém o nome Lampião nada significa para quem não conhece a sua história; então, por uma questão de uniformidade, todos os nomes próprios foram mantidos em língua portuguesa, com as devidas notas explicativas, quando estas se fizeram necessárias. Não é nossa intenção abrir espaço para refletir sobre as questões envolvidas na tradução do nome próprio. Entretanto, vale lembrar que um nome próprio seria, por sua própria natureza, intraduzível. Um nome próprio supõe estreita relação com uma identidade, identifica o ser acima de todos os outros com os quais pudesse se confundir. Nesse sentido, traduzir é transformar o nome próprio em nome comum, é quebrar a unidade da identidade que supõe proteger. Mas deixemos aqui essa questão apenas como provocação.

Quanto às expressões parafraseadas, algumas mostraram-se bem rebeldes, já outras docilmente adaptaram-se à língua inglesa. Durante a tradução do conto “Retrato de General”, encontramos a seguinte sentença, a qual faz alusões às mulheres aventureiras que demonstravam ter interesse de conquistar o general sobre o qual trata o conto: “não se deixava levar pelas dodivanas passadas pelo cabo da mula ruça” (NETO, 2013a, p. 23). Quanto ao termo “doidivanas”, não encontramos maiores obstáculos; entretanto, a expressão seguinte afigurou-se totalmente desconhecida. De sorte, em consulta ao glossário da própria obra,

descobrimos que “passado pelo cabo da mula ruça” é alguém vivido, esperto. No contexto em que se aplicou a expressão, em seguida à palavra “doidivasas”, percebemos a conotação um tanto pejorativa de que se revestiu a sentença como um todo. Não seria, portanto, acurado, traduzir a expressão como “*smart*”, uma vez que este termo da língua alvo não costuma ser frequentemente empregado com um viés depreciativo, mas sim como sinônimo de inteligente. Escolhemos, pois, a forma abaixo, apresentando um termo mais aproximado daquele usado pelo autor em sua definição, e outro que traz o sentido da esperteza cheia de artimanhas a que alude Neto:

não se deixava levar pelas doidivasas passadas pelo cabo da mula ruça.	<i>wouldn't get carried away by those fickle women, so experienced and foxy.</i>
--	--

Ainda no capítulo das expressões parafraseadas, ao passarmos à tradução do conto “Conversão do Vigário”, ao fim do primeiro parágrafo, em que o autor fala sobre o destino que tomariam os vaqueiros, encontramos a expressão: “Depende da rês arribada, do marroeiro sumido, que anda procurando amante naquelas noites fofas de alecrim cheiroso” (NETO, 2013a, p. 30). Em consulta ao *Dicionareco das roças de cacau e arredores*, escrito pelo próprio autor baiano, notamos que rês arribada é a que foge do rebanho em meio a alguma viagem (NETO, 2013b). Nada dizendo, porém, tratava-se de rês caprina, bovina, etc. Ao consultarmos, contudo, o termo marroeiro, ou marrueiro, descobrimos tratar-se do boi reprodutor, o que nos levou a concluir que a rês de que fala o autor é uma vaca. A tradução da sentença, portanto, deu-se da seguinte maneira:

Depende da rês arribada, do marroeiro sumido, que anda procurando amante naquelas noites fofas de alecrim cheiroso.	<i>It depends on the cow that ran away, the reproducer ox that also disappeared, wandering around, looking for a lover in those fluffy nights of fragrant rosemary.</i>
---	---

Ao passarmos à tradução do conto “O advogado e o burro ladrão”, encontramos um ditado popular de aplicação nacional: “Com ele, escreveu não leu, o pau comeu” (NETO, 2013a, p. 41). Referia-se o autor ao prefeito da cidade onde se passa a situação narrada. Na

língua alvo, explicamos a expressão de um jeito bastante simples, por crermos ser esta a maneira de fazer com que tanto o modo de falar como o conteúdo dito se aproximasse do que imaginamos ter sido a intenção do autor na língua de partida:

Com ele, escreveu não leu, o pau comeu.	<i>If you don't follow his rules, you'll suffer the consequences.</i>
---	---

Mais adiante, no mesmo conto, outro dito popular também foi parafraseado: “O ilustre causídico quis botar os pés adiante das mãos e até hoje não se sabe por onde anda a sua alma arrependida” (NETO, 2013a, p. 42). Aqui, além do bordão “botar os pés adiante das mãos”, surge a palavra “causídico”, que significa, em português mais simples e contemporâneo, advogado. Temos como resultado a seguinte forma, na qual o ditado foi traduzido como “se excedeu”, o que nos pareceu melhor se encaixar dentro do contexto criado pelo autor:

O ilustre causídico quis botar os pés adiante das mãos e até hoje não se sabe por onde anda a sua alma arrependida.	<i>The distinguished lawyer exceeded himself and until today no one knows where his regretful soul is.</i>
---	--

Já algumas outras palavras e expressões foram traduzidas literalmente, uma vez que foi possível encontrar no idioma inglês significados semelhantes, que pareciam de certa forma mais próximos daquilo que supomos ter sido pensado pelo autor. No exemplo a seguir, temos uma série de jargões militares: “Vestia-se com farda de gala, botões rebrilhantes que se encarreiravam do gogó às partes baixas do pente” (NETO, 2013a, p. 21). Para os termos do vocabulário militar, não tivemos problemas em encontrar equivalente na língua alvo, porém o termo “gogó” foi traduzido como pomo de Adão, o que, se alude à mesma parte do corpo do homem a que se referiu o escritor, não possui o caráter coloquial preconizado por ele. Estas pequenas mudanças de direção afiguram-se problemáticas para quem traduz, evidenciando cabalmente o processo de transformação por que passa o texto no momento da tradução, uma vez que a heterogeneidade das línguas e dos seios culturais onde elas se perfazem impossibilitam-nos encontrar sempre significantes exatos para um mesmo significado – que

muitas vezes também não é exato – em línguas diferentes. Algo se vai, os sentidos como que se diluem numa vastidão vocabular e semântica que, às vezes, escapa ao tradutor, e com a qual este jamais será capaz de lidar sem recorrer à própria compreensão de mundo, ao seu arcabouço cultural, sua capacidade de escolhas. Eis o resultado do excerto traduzido:

Vestia-se com farda de gala, botões rebrilhantes que se encarreiravam do gogó às partes baixas do pente.	<i>He wore a full dressed uniform, shinning buttons that ran in line from his Adam's apple to the lower parts of the clip.</i>
--	--

A expressão elencada a seguir denota essa perda do tom coloquial que é traço da literatura de Neto. No excerto que se segue, do conto “Briga de galo”, uma palavra em especial exemplifica nosso comentário: “Pelo carro se avaliava a fortuna do galista, ainda que o cacau já estivesse desaparecendo” (NETO, 2013a, p. 37), que, para o inglês, traduzimos como:

Pelo carro se avaliava a fortuna do galista, ainda que o cacau já estivesse desaparecendo	<i>By the car, it was evaluated the fortune of the cock owner, although cocoa was already fading.</i>
---	---

A palavra “galista”, em nossa tradução, passa a ser “*cock owner*”, que, se novamente traduzirmos para o português, é, literalmente, “dono de galo”. Essa expressão na língua inglesa não implica em que o dono de galo seja um galista, ou seja, que ele crie galos de rinha. Mais uma vez, o sentido literal da palavra se perde, porém não há perdas relevantes de sentido de fato, uma vez que a história deixa bem claro que tipo de dono de galo era aquele. Já no caso a seguir, nos afigurou termos encontrado uma variante coloquial que se encaixe de maneira satisfatória na tradução: “Se havia alguma resistência, engarguelava o contribuinte, dava duas sacudidelas convincentes...” (NETO, 2013a, p. 41). O Termo “engarguelava” quer dizer enforcava, sufocava. Temos, na língua alvo, termos como “*strangled*” ou “*suffocated*”, os quais apesar de não serem termos coloquiais, serviriam àquilo que nos propomos; há, porém, o termo “*choked*”, sinônimo dos outros dois, e que tem ares de coloquialismo, o que nos levou a escolhê-lo:

Se havia alguma resistência, engarguelava o contribuinte, dava duas sacudidelas convincentes...	<i>If there was any resistance, he would choke the taxpayer, and give him two compelling jolts...</i>
---	---

Considerações finais

As reflexões apresentadas a partir das justificativas pelas escolhas tradutórias, é mister reconhecer, não são de fato incontestáveis. O trabalho tradutório impõe escolhas e decisões tanto quanto ao sentido que identificamos no original quanto às palavras e construções gramaticais com as quais tentaremos reconstruí-lo na língua de chegada. É preciso reconhecer que, por mais que o tradutor almeje manter fidelidade à obra original, a tradução não deixa de ser um processo criativo, em que o texto original se transforma para ser apresentado na língua alvo. Todas as explicações e justificativas linguísticas não sustentam de maneira incontestável qualquer escolha lexical. Na medida em que podem agradar ou desagradar um suposto crítico do texto traduzido, essas escolhas serão para ele ou ela uma boa ou má tradução. O crítico da tradução considera melhor ou pior o trabalho do tradutor se esse trabalho reflete sua própria leitura ou se aproxima das escolhas que ele ou ela mesmo/a faria. A língua apresenta seu repertório lexical e seu horizonte semântico sem garantias de correspondência econômica um pra um no que se refere ao signo e seu par: significado e significante. Ora, nesse sentido, a suposta separação entre significado e significante, como defende Saussure, não é uma separação cristalina e tranquila como o próprio pensador genebrino admite. O caráter arbitrário do signo, que inaugura a separação entre significado e significante e parece abrir caminho para a possibilidade da tradução, informa-nos de uma separação que não existe de fato. Cada signo está de tal forma imerso no universo da língua que qualquer mudança de cenário linguístico vai dizer da substituição do significante e da transformação do significado. A tradução não é mera representante de menor valor da obra original, mas sim um original transformado pela leitura e pelas escolhas tradutórias. A tradução única e perfeita não é jamais alcançada. Se assim fosse, as traduções mecânicas já o tinham tornado viável. O texto traduzido é produto dos esforços do tradutor, de seu empenho em que a obra original seja lida em outras línguas, que sua falta original seja vencida e à obra seja dada uma sobrevida em outro universo de leitores. Esse processo não se dá de maneira pura, o tradutor não é um filtro

perfeito, nem as próprias línguas são sistemas equivalentes, porém o que resta são novas obras, em que o conhecimento pode, por fim, extravasar de um sistema linguístico a outro para atingir um número infinitamente maior de pessoas.

Referências

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. Tradução Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2013.

NETO, Euclides. **O Tempo é Chegado**: contos. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Littera Criações Ltda, 2013a.

_____. **Dicionareco das roças de cacau e arredores**: dicionário. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Littera Criações Ltda, 2013b.

OLIVEIRA, Rita Lírio de. **A Palavra e o tempo, de Euclides Neto**: um garimpeiro da identidade cultural grapiúna. Ilhéus: Editus, 2013.

ARROJO, Rosemary (org.). **O Signo Desconstruído**: implicações para a tradução, a leitura e o ensino. Campinas: Pontes, 1992.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2012.